



III Congresso Internacional do OBSERVARE
17-18-19 de Maio 2017 | Fundação Gulbenkian

BEYOND BORDERS
People, spaces, ideas

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS
Pessoas, espaços, ideias

RESSURGIMENTO DOS NACIONALISMOS NA EUROPA? THE REAPPEARANCE OF NATIONALISMS IN EUROPE?

JOANA LOPES¹

RESUMO: Esta comunicação tem como objetivo dar um contributo para a análise e compreensão da existência de forças nacionalistas e de partidos nacionalistas na Europa e em Estados-Membros da União Europeia no início do século XXI. Procede-se à revisão de literatura sobre o conceito de nação e de nacionalismo e enquadra-se a visibilidade e expressão de nacionalismos numa perspetiva global e na emergência de uma sucessão de crises económicas, financeiras, sociais e políticas sem precedentes na atualidade. Em seguida, destacam-se as principais questões suscitadas pelo nacionalismo na Europa e em Estados-Membros da União Europeia. Na terceira parte, apresentam-se estudos de caso a partir de resultados eleitorais obtidos em cinco países na União Europeia no período compreendido entre 2012 e 2017.

PALAVRAS CHAVE: Nação, nacionalismo, partidos nacionalistas, crise da União Europeia

ABSTRACT: The aim of this paper is to contribute towards the analysis and understanding of the existence of nationalistic forces and parties in Europe and among many European Union member states in the beginning of the XXI century. A revision of the literature on the topics of nation and of nationalism is conducted and the visibility and expression of nationalisms is framed in a global perspective and in the wake of a vast array of unprecedented economic, financial, social and political crises. The second section underscores the main issues raised by nationalism across Europe and in the European Union countries and the third part proceeds to evaluate the case studies of election results obtained in five European Union countries in the 2012-2017 period.

KEYWORDS: Nation, nationalism, nationalistic parties, crisis of the European Union

¹ Doutoranda em Relações Internacionais: Geopolítica e Geoeconomia na Universidade Autónoma de Lisboa. Membro efetivo da Ordem dos Economistas.



I. Introdução

- O nacionalismo moderno, cujo conceito será analisado na secção seguinte, começou por ser europeu, tendo posteriormente adquirido uma vertente mundial e alastrado a todas as geografias no período dos pós Primeira e Segunda Guerras Mundiais.
- O nacionalismo passou gradualmente a mito e a manifestação social que os indivíduos pertencentes a uma nação fazem da coletividade em que estão inseridos, aliando ao passado comum a construção de uma projeção para o futuro do conjunto. O nacionalismo implica a verificação do sentimento de diferenciação de uma comunidade nacional face às demais e a consequente exclusão do outro.²
- Os séculos XIX, XX e as duas primeiras décadas do século XXI foram marcados pela preeminência das nações e do nacionalismo, como se evidencia pelas guerras travadas contra os impérios coloniais no século XIX, as duas guerras mundiais e genocídios do século XX e os conflitos e tensões da atualidade, os quais foram conduzidos em nome da nação³.
- O nacionalismo teve sempre um papel relevante na vida dos povos⁴. O reconhecimento de Nações possui na atualidade interesse histórico e conserva ainda atualidade⁵. Vários autores identificam a existência de “novos nacionalismos”, surgidos na Europa Oriental e nos Balcãs na sequência da dissolução do Império Soviético.

² “O nacionalismo moderno surgiu como fenómeno revolucionário, contra a centralização absolutista, portador dos valores das liberdades individuais do autogoverno e da desconcentração do poder. E de fenómeno europeu (...) que começou por ser, cedo se tornou mundial, alastrando a toda a Europa e à América Latina ainda no século XIX, e ao Médio Oriente, a Ásia e à África no século XX, respetivamente depois da Primeira e da Segunda Guerra Mundial (...) O nacionalismo converteu-se com o tempo num estado de espírito, numa representação social que os indivíduos fazem da coletividade, ou até num mito, tirando a sua força não apenas do passado mas também, e até talvez sobretudo, do futuro. A nação passou a ser não apenas uma imagem do passado que se herda mas uma conceção do destino que se projeta. (...) Simultaneamente com essa ideia de pertença, o nacionalismo significava também uma ideia de exclusão. A par do sentido de identificação com uma comunidade cultural e história, o nacionalismo revestia-se também desse sentido de diferenciação em relação a outras comunidades.”, Manuel Braga da Cruz, *Europeísmo, nacionalismo, regionalismo* (1992)

³ Qualquer que seja a interpretação que adotemos sobre a génese da nação e do nacionalismo, é indiscutível que os últimos séculos foram marcados pela sua preeminência. As lutas contra os impérios coloniais no século XIX e no século XX foram conduzidas em nome da nação que contribuíram para construir. O século que passou foi marcado por guerras a uma escala global e por genocídios sem precedentes, umas e outros conduzidos em nome da nação. Mas os avanços da democracia e do liberalismo estiveram igualmente ligados à crença na existência de coletivos nacionais.“, José Manuel Sobral e Jorge Vala, *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social* (2010)

⁴ “A comunidade cristã terá procurado quebrar as arestas mais salientes dos pendores nacionalistas, tentando assegurar uma união política das nações cristãs. A Reforma esforçou-se frequentemente por desenvolver as agressividades nacionalistas. A Revolução Francesa também; servindo-lhe mesmo, depois de remover os direitos dinásticos, a ideia de nação com base de legitimidade das unidades estaduais. No século XIX, o princípio das nacionalidades apresenta-se como o instrumento adequado para abater os dois mais valiosos elementos remanescentes na Europa católica: Roma e o Império. Desde então, com frequência o substrato nacional é apontado como assente inseparável da legitimidade do Estado. Mas o próprio conceito de «nação» apresenta aspetos dificilmente definíveis, removidos da respetiva essência elementos tais como a raça e a língua, a comunidade de passado e de aspirações situa-se num plano onde os critérios de rigor se não desenham com nitidez”. Pedro Soares Martinez, *História Diplomática de Portugal* (2010), p. 585

⁵ “O reconhecimento como Nação surgiu durante a guerra de 1914-1918 em favor dos Comitês Nacionais polaco e checoslovaco, que eram considerados (...) como representando as nações polaca e checoslovaca. Ambas ainda não se tinham constituído em Estado porque lhes faltava o elemento territorial do conceito de Estado, já que checos e polacos combatiam fora da sua Pátria. O interesse imediato nesse reconhecimento consistia em fornecer base jurídica e política para a criação de exércitos nacionais sob a respetiva bandeira; mas, a prazo mais dilatado, pretendia-se, pela consagração do princípio das nacionalidades, conferir às autoridades “nacionais” o direito a negociar internacionalmente a paz e assegurar a criação de novos Estados.”, André Gonçalves Pereira e Fausto de Quadros, *Manual de Direito Internacional Público* (2015), p. 320-321



2. Conceito de nação e de nacionalismo

O estudo de nacionalismo convoca uma apreciação prévia sobre o conceito de nação. O conceito de nação na Europa moderna foi fixado por Ernest Renan. No discurso proferido em 1882 na Université Sorbonne, intitulado “Qu’est-ce qu’une Nation?”, descreveu a nação como uma alma⁶, uma grande solidariedade⁷ e um plebiscito diário⁸. Na conclusão do discurso, Renan observa que as nações são um fenómeno temporário, sendo que vigorarão enquanto forem benéficas e necessárias, sendo eventualmente substituídas por uma confederação europeia. Ou seja, as nações não são eternas⁹.

Já Ernest Gellner define as nações como um coletivo de homens que partilham da mesma cultura e se reconhecem mutuamente como membros da mesma nação¹⁰, na obra “Nations and Nationalism”, publicada em 1983.

O pensador Eric Hobsbawm salienta a complexidade da tarefa de definição do conceito de nação. No livro “Nations and Nationalism since 1870: Programme, Myth, Reality” de 1990 considera a nação como uma entidade social mutável e recente, relacionada com o Estado territorial moderno¹¹.

O politólogo francês Pascal Boniface destaca a ambiguidade do termo “nação”, caracterizando-a como uma comunidade dotada de unidade, que pretende salvaguardar, sendo a mesma distinta do conceito de Estado¹².

Na sua obra “Teoria das Relações Internacionais”, o professor Adriano Moreira teceu uma consideração sobre a origem do conceito moderno de nação, decorrente de Renan, tendo verificado que o sentido de nação implica normalmente a presença da vontade de construção de um Estado independente¹³.

⁶ “Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Há duas coisas que são na realidade uma só e as mesmas constituem esta alma, este princípio espiritual. Uma é o passado, a outra é o presente. Uma é a posse de um legado comum rico de memórias; a outra é o consentimento no presente, o desejo de viver em conjunto, o desejo de continuar a investir na herança que recebemos em conjunto”

⁷ “Uma nação é assim uma grande solidariedade constituída pelo sentimento dos sacrifícios feitos e aqueles que se estão dispostos a fazer. Pressupõe um passado mas é reiterada no presente por um facto tangível: o consentimento, o desejo claramente expresso de continuar uma vida comum.”

⁸ “A existência de uma nação é (...) um plebiscito diário.”

⁹ “As nações não são eternas. Têm um princípio e terão um fim. Uma confederação europeia irá provavelmente substituí-las. Mas, se assim o é, tal não é a lei do século em que vivemos. No momento presente, a existência de nações é algo de bom e até necessário. A sua existência é a garantia de liberdade, uma liberdade que seria perdida se o mundo tivesse apenas uma lei e um senhor.

¹⁰ “1 Dois homens são da mesma nação se e apenas se partilham a mesma cultura, sendo que por sua vez cultura significa um sistema de ideias e sinais e associações e formas de comportamento e comunicação. 2 Dois homens são da mesma nação se e apenas se se reconhecem um aos outro como pertencendo à mesma nação. Por outras palavras, as nações fazem o homem; as nações são os artefactos das convicções, lealdades e solidariedades do homem. Uma simples categoria de pessoas (como, por exemplo, os ocupantes de um dado território, ou falantes de uma determinada linguagem) torna-se uma nação se e quando os membros da categoria reconhecerem com firmeza certos direitos e deveres mútuos de uns para com os outros em virtude da sua pertença partilhada. É o seu reconhecimento uns dos outros como pares deste tipo que os torna numa nação, e não os outros atributos partilhados, sejam eles quais forem, que separam aquela categoria de não-membros.”

¹¹ A “questão nacional” é um assunto notoriamente controverso.” (...) Não há forma de dizer a um observador como distinguir uma nação de outras entidades a priori, da mesma maneira que se lhe pode dizer como reconhecer um pássaro ou distinguir um rato de um lagarto. A observação de nações seria simples se fosse como a observação de pássaros.” (...) A nação, conforme é concebida pelo nacionalismo, pode ser reconhecida prospectivamente; a verdadeira “nação” só pode ser reconhecida a posteriori. (...) Não considero a “nação” como uma entidade social primária ou imutável. Esta pertence exclusivamente a um período particular, recente do ponto de vista histórico. É uma entidade social apenas na medida que se relaciona com algum tipo de Estado territorial moderno, o “Estado-nação”. (...) A identificação nacional, e o que se acredita que ela implica, pode mudar e variar com o tempo, mesmo durante períodos temporais muito reduzidos.”

¹² “O conceito de nação é ambíguo. Designa em geral uma comunidade humana que possui uma certa unidade cultural, linguística e histórica, que tem consciência desta unidade e a quer preservar. Ainda que o conceito de nação se distinga do conceito de Estado, estes dois termos estão muitas vezes ligados. O nacionalismo e a nacionalidade decorrem de uma certa ideia de nação.”

¹³ “A Nação tem um sentido fixado, na cultura ocidental, por Renan, que a definiu como um grupo com história comum, um presente participado, e aquilo que Malraux chamou uma comunidade de sonhos, tudo implicando normalmente a vontade de constituir um Estado independente”



No que respeita ao conceito de nacionalismo, Ernest Gellner definiu-o em primeiro lugar como um princípio político, que defende que a unidade política e nacional devem ser congruentes¹⁴, podendo também assumir a forma de um sentimento ou de um movimento.¹⁵

Ernest Gellner descreveu também aquilo que definiu como sendo as quatro “teorias falsas do nacionalismo”, salientando que este não surge por geração espontânea, não resulta de ideias formuladas incidentalmente, não corresponde “teoria do endereço errado” defendida pelo Marxismo e que não coincide com a imagem de “Deuses sombrios” defendida pelos apoiantes do nacionalismo e rejeitada pelos seus oponentes.¹⁶

O professor Anthony D. Smith efetuou uma análise da literatura em torno do tema do nacionalismo na sua obra de 1998 “Nationalism and Modernism: A critical survey of recent theories of nations and nationalism”, tendo caracterizado e distinguido os termos “sentimento nacional”, “movimentos nacionalistas”, nação e nacionalismo, tendo definido este último como um movimento ideológico que visa manter o auto-governo e independência de um grupo, constituído pelos seus membros de modo a formar uma nação potencial ou real.¹⁷

Para a socióloga americana Mary Kaldor, o nacionalismo é um constructo cujo êxito tornou possível a emergência do Estado e da indústria moderna, conforme a definição apresentada no seu estudo científico de 2004, “Nationalism and Globalization”¹⁸.

Michael Billig concebeu a expressão “nacionalismo banal”, na obra de 1995 do mesmo nome, tendo focado a sua investigação nas manifestações diárias da nação, representações que formam o sentido de nação junto dos seus nacionais. Este explicitou também que se podem adotar comportamentos típicos de outras culturas, mas isso não implica que seja comercialmente possível ser-se de outra nacionalidade¹⁹.

Para Adriano Moreira, a regra citada nos 14 Pontos do Presidente Wilson, segundo a qual todas as nações têm direito a constituir-se como Estados Independentes foi a base do nacionalismo²⁰.

¹⁴ Ernest Gellner (1983), Nations and Nationalism.

¹⁵ O Nacionalismo é em primeiro lugar um princípio político, que defende que a unidade política e nacional devem ser congruentes. O Nacionalismo como um sentimento, ou como um movimento, pode ser melhor definido em termos deste princípio. O sentimento nacionalista é o sentimento de raiva suscitado pela violação deste princípio, ou o sentimento de satisfação suscitado pelo seu cumprimento. Um movimento nacionalista é acionado por um sentimento deste tipo. (...) O princípio de unidades culturais homogêneas como fundações da vida política, e a unidade cultural obrigatória das regras e dos regidos pelas regras.”

¹⁶ “Lista de teorias falsas de Nacionalismo:

1. É natural e autoevidente e auto gerado. Se estiver ausente, tal deve atribuir-se à repressão forçada.
2. É uma consequência artificial de ideias que não necessitavam de ser sequer formuladas, e que apareceram por um incidente lamentável. É prescindível para as sociedades industriais.
3. A Teoria do Endereço Errado defendida pelo Marxismo: o espírito da história ou a consciência humana cometeram uma falha terrível. A mensagem reveladora era destinada às classes, mas por algum terrível erro postal foi entregue às nações. (...)
4. Deuses Sombrios: Nacionalismo é a reemergência de forças atavísticas de sangue e território. Esta é a visão partilhada tanto pelos proponentes como opositores do nacionalismo. Os primeiros consideram essas forças sombrias uma fonte de melhoria e progresso, enquanto que os últimos as consideram bárbaras.”

¹⁷ O sentimento nacional é o sentir de raiva ou satisfação gerado pela violação ou satisfação desse princípio, enquanto que os movimentos nacionalistas são aqueles que são acionados por este sentimento. O Nacionalismo é um movimento ideológico com o objetivo de alcançar e manter o auto-governo e independência de um grupo, em que alguns dos seus membros o concebem de forma a constituir uma “nação” real ou potencial. A Nação é um grupo de seres humanos, possuindo elementos comuns e distintivos de uma cultura, um sistema económico unificado, direitos de cidadania para todos os membros, um sentimento de solidariedade emergente de experiências comuns, e que ocupam um território comum.”

¹⁸ “O Nacionalismo é uma ideia construída ou imaginada e o seu sucesso deriva do facto de a ideia se ajustar às condições estruturais associadas com a modernidade. O seu êxito forneceu a cola que tornou possível o Estado moderno e a indústria moderna. (...) a força da ideia depende da política bem como da cultura e a política é mais importante do que a cultura em sociedades democráticas abertas.”

¹⁹ “O nacionalismo banal refere-se às representações diárias da nação que formam um sentido partilhado de pertença nacional entre humanos. (...) Pode-se comer comida chinesa amanhã e turca no dia seguinte; pode-se até vestir com roupas chinesas e turcas. Mas ser Chinês e Turco não são opções comercialmente disponíveis.”

²⁰ “O nacionalismo é animado pela citada regra, acolhida nos 14 Pontos do Presidente Wilson, na guerra de 1914-1918, segundo a qual a Nação tem direito a constituir um Estado independente, e entende-se que abrangendo toda a Nação.”



As formas assumidas pelo nacionalismo são diversas, podendo as suas manifestações corresponder ao patriotismo, chauvinismo ou inclusive a xenofobia, conforme observou Pascal Boniface²¹.

Para o professor Filipe de Vasconcelos Romão, o nacionalismo, mais do que uma ideologia, é uma força política de relevo no contexto internacional e nacional, de acordo com estudo científico de 2013, “Do Estado-nação à autonomia-nação: desafios ao conceito de soberania”²².

3. Europa em crise

Consideraram-se para efeitos da análise deste estudo, um conjunto de oito indicadores, do tipo económico – dívida pública em percentagem do PIB, notação da dívida pública pela agência Standard & Poors – económico-social – taxa de desemprego – e político – efeito “Brexit” na União Europeia, apoio a partidos de extrema-direita, anti-europeus e anti-imigração, a crise dos refugiados e migrantes, o índice de apoio à União Europeia em alguns Estados-Membros e o índice de apoio a separatismos em alguns Estados-Membros da União Europeia.

No Quadro 1, apresentam-se os resultados por país da dívida pública em percentagem do produto interno bruto, em dezembro de 2015. É de salientar que os países do sul da Europa, nomeadamente Portugal, Itália, Grécia e Chipre, apresentam piores resultados que os países do Centro e Norte da Europa. A Bélgica também teve um desempenho fraco em termos deste indicador.



Quadro 1 - Dívida Pública dos Estados-Membros da UE em percentagem do Produto Interno Bruto, em dezembro de 2015.

²¹ “O nacionalismo reveste-se de diferentes formas e, a este título, o termo pode parecer ambíguo. No quadro de um Estado-Nação já constituído, o nacionalismo pode designar certas correntes de pensamento que desenvolvem formas exageradas de patriotismo (amor da pátria). Este patriotismo pode então ser sinónimo de chauvinismo (patriotismo exclusivo e agressivo) e traduzir-se pela xenofobia (ódio aos estrangeiros).”

²² “O nacionalismo, mais do que uma ideologia, é uma força política de extrema relevância nos contextos domésticos e internacional. A sua principal vitória constata-se na forma como os Estados contemporâneos se organizam sobre identidades nacionais: há um consenso alargado em relação à base nacional que um Estado soberano deve ter. Porém, nas últimas décadas, na Europa, o processo de integração regional (União Europeia) e a evolução do sistema democrático liberal abriram portas a alterações no interior do Estado-nação, enquanto unidade política soberana, por excelência, do sistema internacional. (...) Os Estados autonómicos, de que Espanha e o Reino Unido são exemplo, reconhecem a existência de identidades nacionais alternativas à identidade dominante (espanhola, no primeiro caso, e inglesa, no segundo caso), permitem a institucionalização dessas identidades em unidades políticas infra-estatais, reconhecem-lhes determinados direitos e atribuem-lhes competências políticas. Estas unidades passam, assim, a coincidir com determinadas identidades, emergindo como autênticas autonomias-nação que podem vir a questionar seriamente a soberania dos Estados-nação e a alterá-los na sua essência.”



O Quadro 2 ilustra a notação da dívida pública atribuída pela agência Standard & Poors aos Estados-Membros da União Europeia. Consta-se que os países do Sul da Europa, também neste indicador apresentam um desempenho pior do que os países do norte.



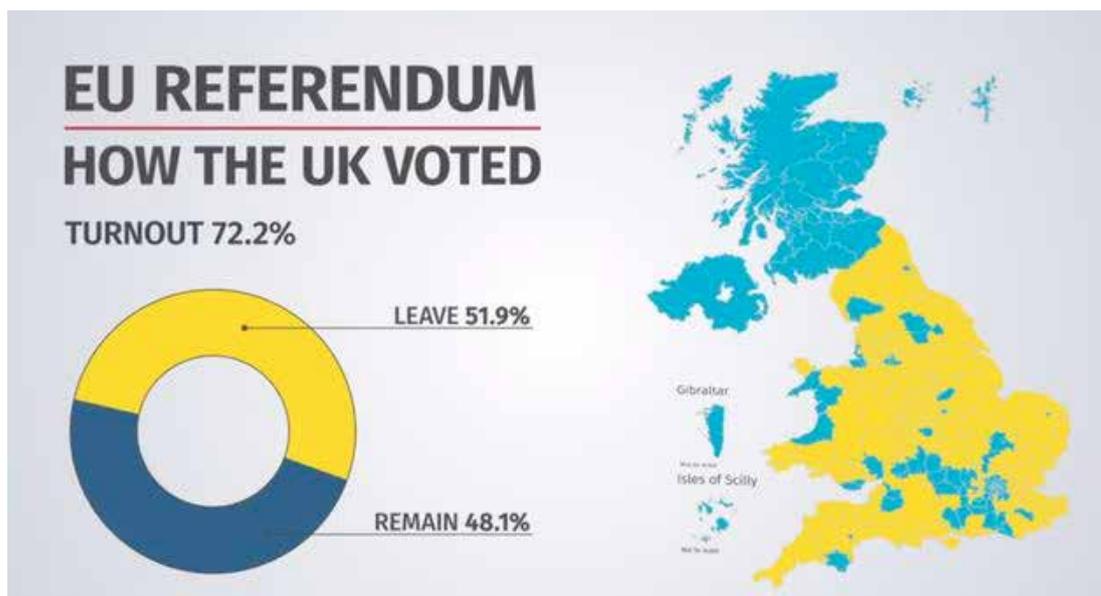
Quadro 2 - Notação da Standard & Poors da Dívida Pública nos Estados-Membros da UE, em 2016

O Quadro 3 evidencia uma generalização de taxas de desemprego elevadas no ano de 2016, sendo os casos mais críticos os da Grécia (23,3%), da Espanha (21%), da Croácia (14,4%), de Portugal (12,4%), de Chipre (12%), da Itália (11,5%) e da Eslovénia (11,5%).



Quadro 3 - Taxa de Desemprego nos Estados-Membros da União Europeia em 2016

O Quadro 4 espelha os resultados da votação no referendo do “Brexit” do Reino Unido, realizado em 23 de junho de 2016, que dividiu o país em defensores e opositores da permanência na União Europeia. Na sequência deste referendo, a Escócia, liderada por Nicola Sturgeon do Partido Nacional Escocês, manifestou-se no sentido da realização de um referendo da permanência deste território no Reino Unido em virtude da discordância da saída da União Europeia, projeto que tem a oposição da primeira-ministra Theresa May.



Fonte: The Huffington Post UK (junho 2016)

Quadro 4 - Resultado da Votação no Referendo do Reino Unido à Pertença À União Europeia em 23 de junho de 2016

O referendo teve repercussões para além das fronteiras do Reino Unido, colocando em questão o futuro da União Europeia como um todo e levantando a preocupação se a decisão do Reino Unido seria o início da desagregação da União Europeia. Conforme mostra o gráfico 5, foram celebradas duas reuniões distintas quanto ao futuro da União Europeia, que traduziram as divergências de opinião dos líderes europeus, tendo a primeira decorrido em Berlim (25 junho 2016) e reunido apenas os Estados fundadores da União Europeia, e a segunda (27 junho 2016), sido realizada em reação à primeira, em Varsóvia, com a participação dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Estados-Membros da Europa de Leste e de Espanha. Nesta última reunião, foi acentuada a insatisfação pela saída do Reino Unido da União Europeia, a estagnação económica na zona euro, os problemas de insegurança e situação decorrente da migração irregular descontrolada.

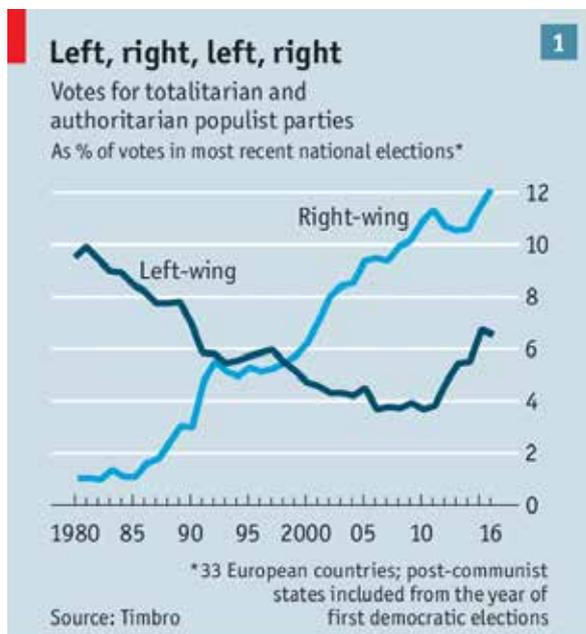


Fonte: Express (30 junho 2016)

Quadro 5 - Efeito da saída do Reino Unido da UE no futuro da UE



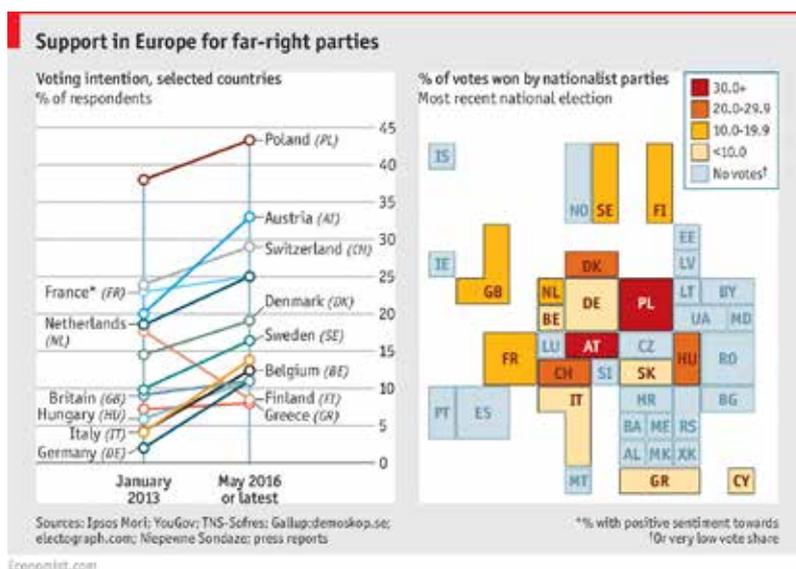
O Quadro 6 traduz o aumento da votação em partidos totalitários e autoritários de direita, entre 1980 e 2016 numa amostra de 33 países europeus, tendo sido verificado o contrário no caso dos partidos de esquerda.



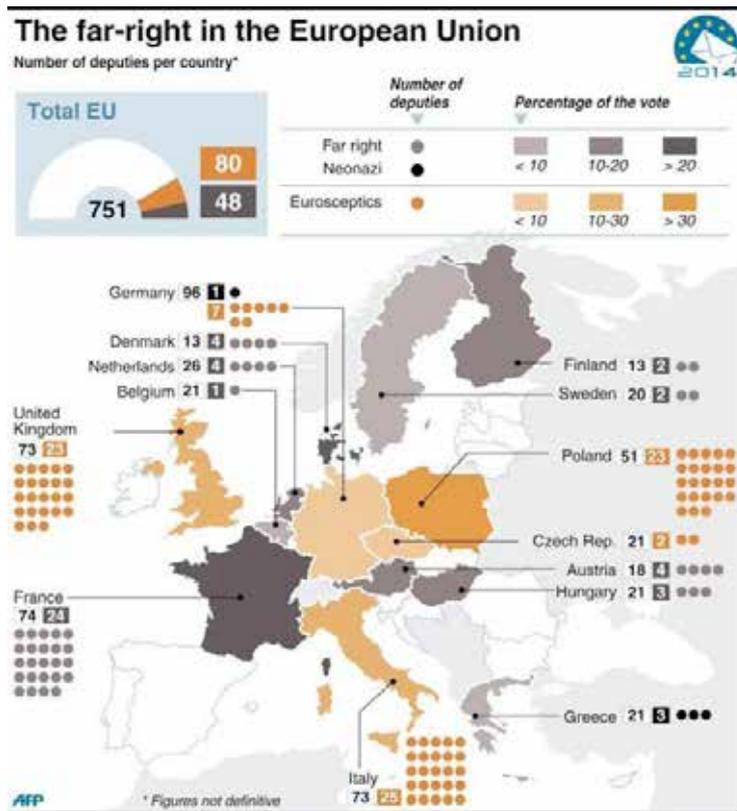
Economist.com

Quadro 6 - Aumento da Votação em Partidos Totalitários, Autoritários em 37 Países Europeus

O quadro 7 e 8 ilustram o crescente apoio a forças e partidos de extrema-direita na União Europeia, no que se refere a intenções de voto, no período entre 2013 e 2016, e nos resultados de votação de eleições nacionais e europeias.

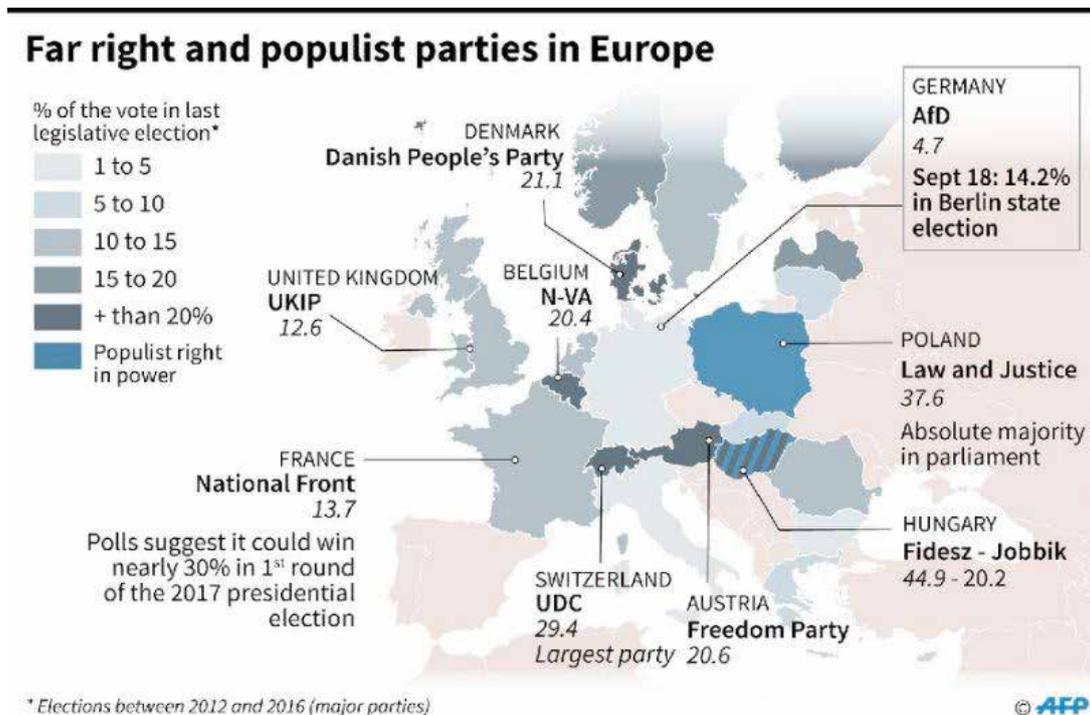


Quadro 7 - Aumento do Apoio na Europa a Partidos da Extrema- Direita



Quadro 8 - A Extrema-Direita na União Europeia

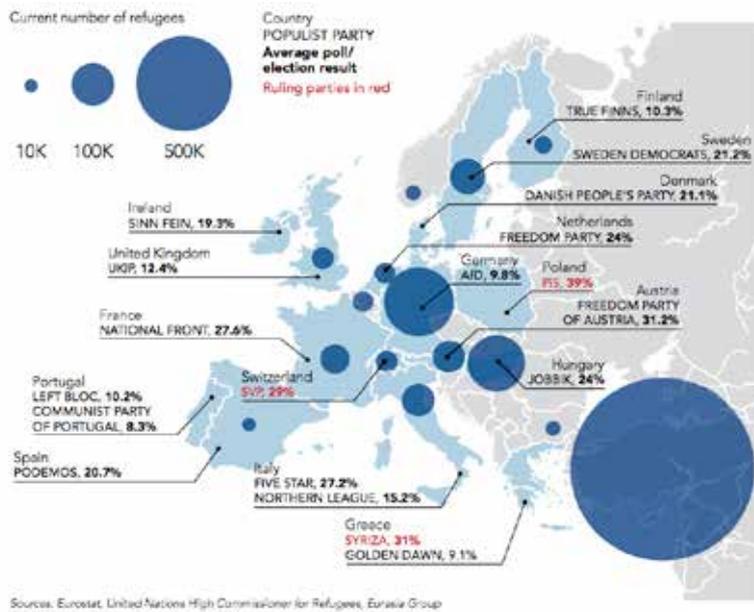
O quadro 9 apresenta os principais partidos de extrema-direita e populistas europeus e respetivas votações em eleições legislativas de 2012 a 2016.



Quadro 9 - Partidos de Extrema-Direita e Populistas na Europa



O quadro 10 relaciona o número de refugiados por país com a votação em partidos populistas na Europa em 2016.

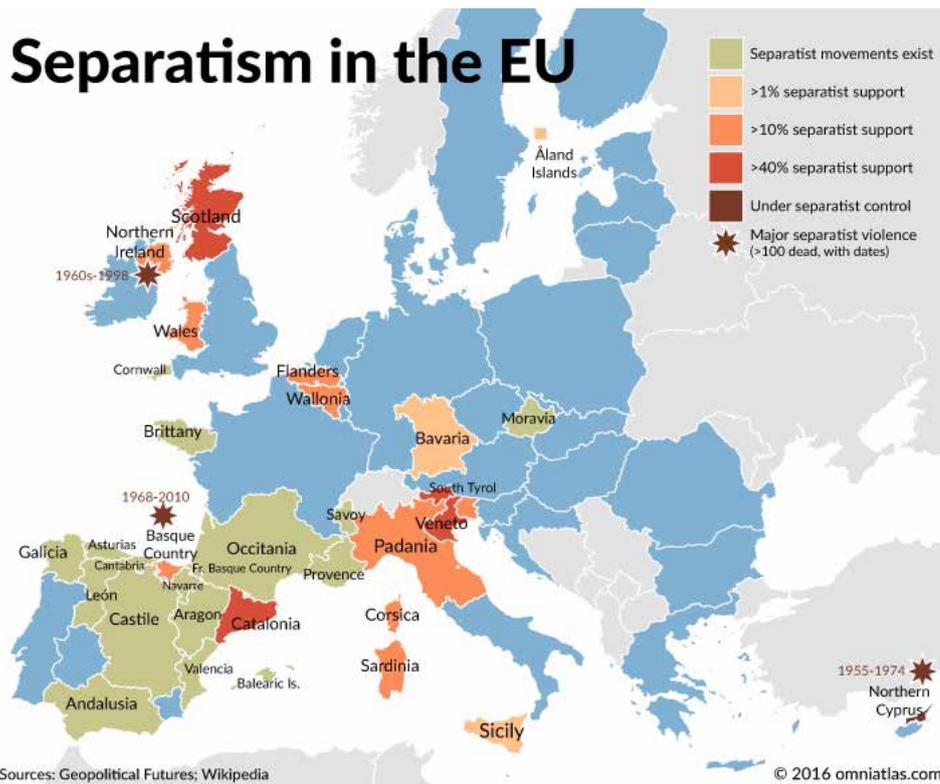


Quadro 10 - Partidos Populistas e Número Atual de Refugiados na Europa

O Quadro 11 e 12 ilustram, respetivamente, o apoio à União Europeia e aos separatismos na UE, em 2016, por parte de Estados-Membros.



Quadro 11 - Apoio de alguns Estados-Membros à União Europeia

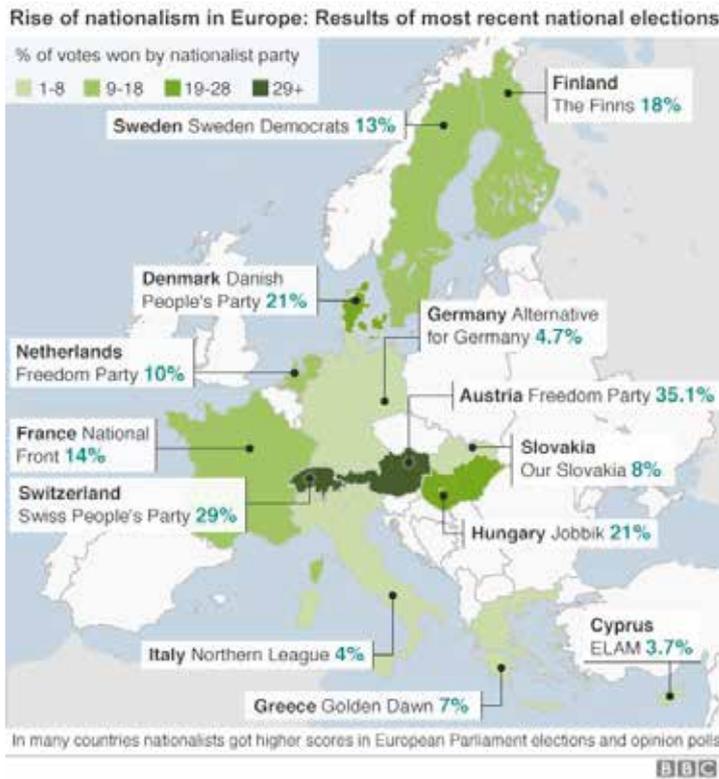


Quadro 12 - Apoio aos Separatismos em alguns Estados-Membros da UE

Como se ilustrou pelos indicadores económicos, sociais e políticos que revisitámos, a Europa vive um período de crise, caracterizada por: endividamento público muito elevado, notação da dívida pública de alguns Estados-Membros como “lixo”, políticas de austeridade, generalização de taxas de desemprego elevadas, efeito “Brexit”, aumento da popularidade de partidos de extrema-direita, perda de votos e derrotas eleitorais de partidos do centro-esquerda e crise dos refugiados e migrantes. Este contexto de crise favorece a expressão e apoio a partidos e forças de orientação nacionalista. Em síntese, as manifestações de nacionalismo emergem com maior visibilidade e exuberância em períodos de crise.

4. Nacionalismo na Europa do Século XXI

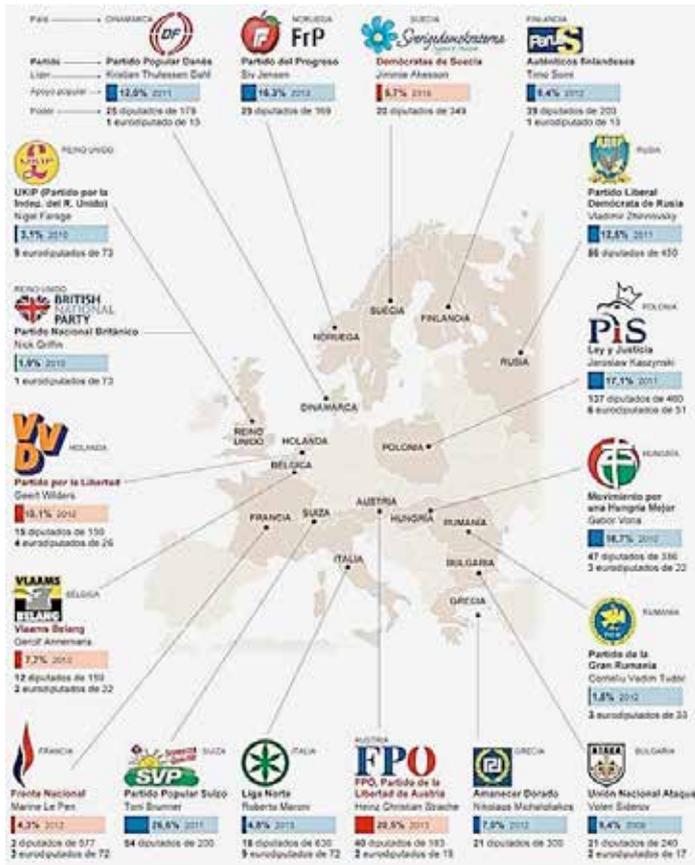
O nacionalismo na Europa no Século XXI é equacionado com base nos resultados eleitorais nacionais recentes (Quadros 13 e 14), relativos a 2016, nos principais partidos nacionalistas na Europa em 2016 (Quadro 15) e nos Estados potencialmente independentes (Quadro 16).



Quadro 13 - Aumento do Nacionalismo nos Estados-Membros da União Europeia (23 maio 2016)



Quadro 14 - Aumento do Nacionalismo nos Estados-Membros da União Europeia (23 maio 2016)



Quadro 15 - Principais Partidos Nacionalistas na Europa (março 2016) Fonte: El País



Fonte: Languages of the World
Quadro 16 - Estados Potencialmente Independentes na Europa (2014)



Na atualidade, na Europa, em quase todos os Estados-Membros da União Europeia existem partidos e forças de orientação nacionalista, que têm diferentes graus de expressão e força política.

Há pelo menos 12 países com partidos nacionalistas no poder. Destes, 8 pertencem à União Europeia, designadamente, a Bélgica, a Dinamarca, a Finlândia, a Polónia, a Letónia, a Lituânia, a Eslováquia e a Bulgária.

Na vizinhança imediata da União Europeia, existem também partidos nacionalistas, sendo de destacar os governos liderados por Albert Rösti (Suíça), Svi Jensen (Noruega), Nikola Gruevski (Macedónia) e Hrant Markarian (Arménia).

Neste conjunto, há ainda 6 partidos nacionalistas de orientação pró-independência: Partido da Unidade (Ossétia do Sul), Pátria Livre (Nagorno-Karabath), Partido Nacional da Unidade (Chipre do Norte), Renovação (Transnistria), Abecázia Unida (Abecázia) e Partido Democrático do Kosovo (Kosovo).

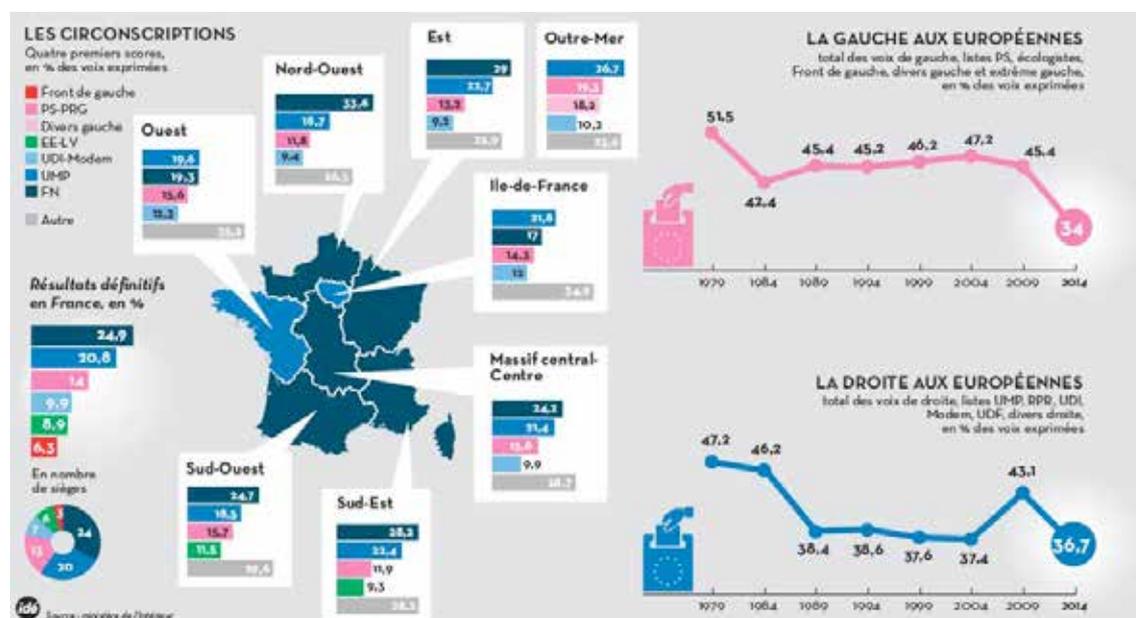
5. Estudos de Caso

Apresentam-se a seguir vários estudos de caso respeitantes a cinco países da União Europeia, a partir de resultados eleitorais obtidos no período compreendido entre 2012 e 2017.

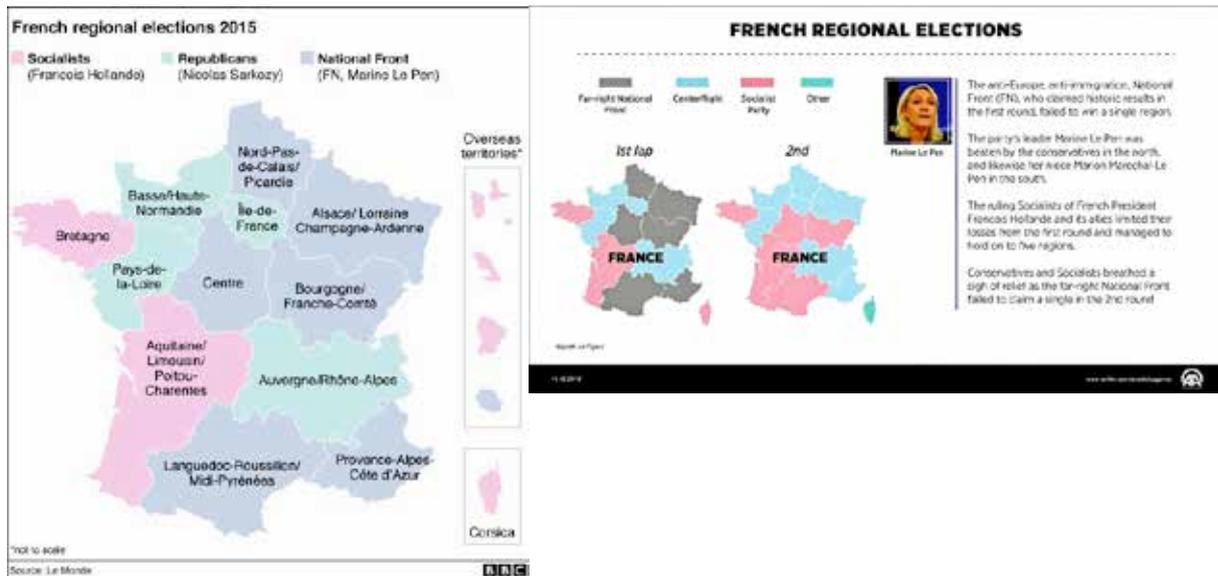
O caso da França será analisado com base nos resultados das eleições europeias de 2014 (Quadro 17), regionais de 2015 (Quadro 18) e presidenciais de 2017 (Quadro 19).

O caso da Holanda é estudado com base nas eleições legislativas de 2012 e 2017 (Quadro 20), o da Áustria, com base nas eleições presidenciais de 2016 (Quadro 21), o do Reino Unido e da Itália, são equacionados, respetivamente, a partir das eleições europeias de 2014 (Quadro 22 e Quadro 23). Por último, são retiradas ilações sobre a importância de forças nacionalistas e de partidos nacionalistas nos países em estudo.

FRANÇA



Quadro 17 - Resultados das Eleições Europeias Francesas em 2014



Quadro 18 - Resultados das Eleições Regionais Francesas em 2015 - Primeira e Segunda Volta



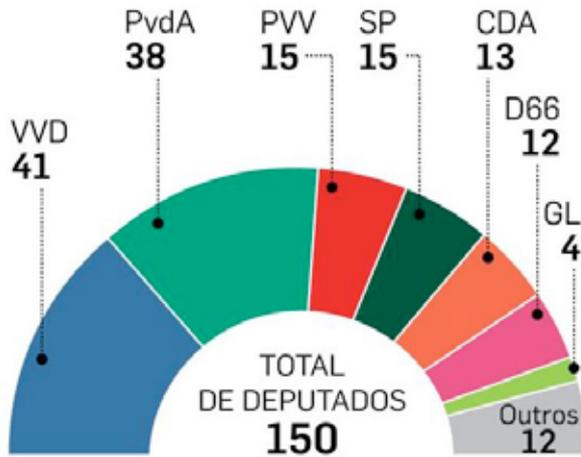
Quadro 19 - Eleições Presidenciais Francesas de 2017- Resultados na primeira e na segunda volta

A eleição de Emmanuel Macron foi saudada como uma esperança para a Europa e para a zona euro. “Alívio” foi a palavra que sintetizou o significado do resultado eleitoral em França em maio de 2017, abrindo expectativas para o afastamento de forças extremistas da esfera de poder.

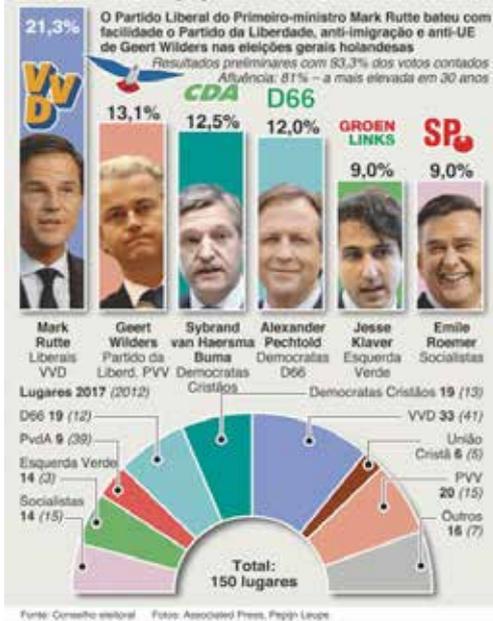


HOLANDA

Resultados de 2012



Extrema direita populista derrotada na Holanda



Quadro 20 - Eleições Legislativas Holandesas - Resultados em 2012 e 2017

A vitória do primeiro-ministro Mark Rutte sobre o Partido da Liberdade, (anti-União Europeia e anti-imigração), de Geert Wilders em março de 2017 permitiu à Europa respirar de alívio e foi saudada como uma esperança nos ideais democráticos e como rejeição pelo eleitorado da expressão de manifestações excessivas de nacionalismo.

ÁUSTRIA

Results of Austria's 2016 presidential election



Alexander van der Bellen

Party: Independent (previously Green Party)
Percentage vote won: 51.7%*

WIN

*Vote tally as of 1pm on December 5, 2016.

Background

- Van der Bellen spent many years as leader of the Green party until 2008
- He has stated that he dreams of a fence-free "United States of Europe" that defends the rights of minority groups
- His supporters have described him as an unabashed Europhile and equal-rights champion while Hofer attacked him for being a highbrow candidate only appealing to the "glitterati"



Norbert Hofer

Party: Freedom Party
Percentage vote won: 48.3%*

LOSS

Background

- Hofer was the leader of the far-right Freedom Party, which was founded in the 1950s by former Nazis
- Hofer campaigned on an "Austria First" slogan and was staunchly anti-migrant and anti-Muslim
- Had he been elected, Hofer would have been the first far-right president to be elected in the history of the European Union

Election Background

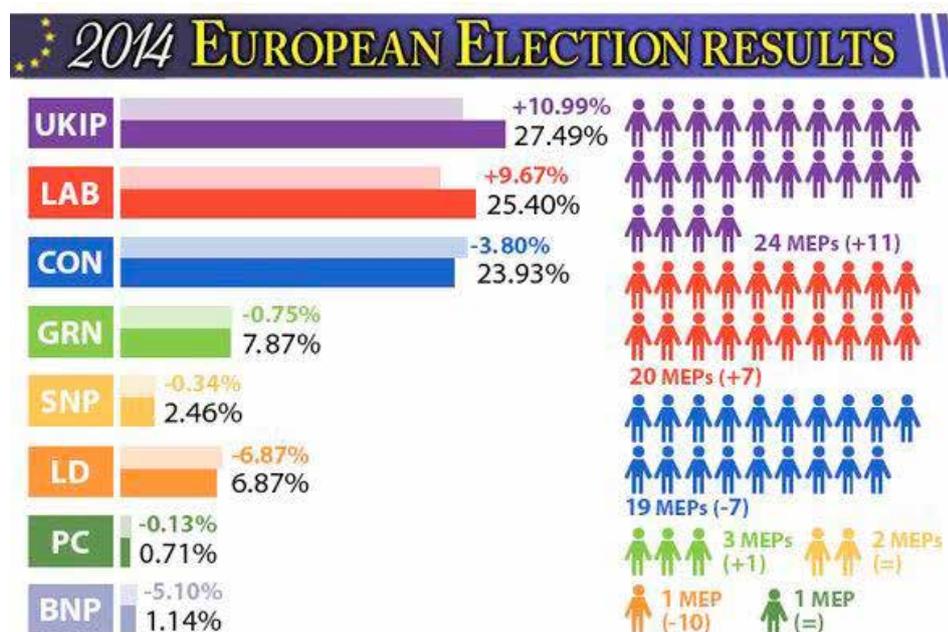
- Austria's president serves as a largely ceremonial role and is selected through a two-round runoff system. Norbert Hofer won the second round in May; however, the results of this election were nullified and a re-vote was held in December. Van der Bellen won this vote.

Quadro 21 - Eleições Presidenciais Austríacas em 2016

A vitória do independente Alexander Van der Bellen nas presidenciais de dezembro de 2016 sobre o candidato de extrema-direita Norbert Hofer, que obtiveram respetivamente, 51,7% e 48,3%, foi igualmente saudada como um momento importante na afirmação da democracia e uma vitória para os defensores da União Europeia.



REINO UNIDO



Quadro 22 - Eleições Europeias no Reino Unido de 2014

ITÁLIA

PARTITO NAZIONALE	GRUPPO UE	VOTI	%	SEGGI
PD Partito Democratico	S&D	11 203.231	40,8	31
M5S Movimento 5 Stelle	Non iscritti	5.807.362	21,1	17
FORZA ITALIA Forza Italia	EPP	4.614.364	16,8	13
LEGA NORD Lega Nord - Die Freiheitlichen - Basta Euro	EFD	1.688.197	6,2	5

Quadro 23 - Eleições Europeias na Itália de 2014

Nas eleições europeias de 2014, os partidos nacionalistas antieuropeus obtiveram resultados significativos, com destaque para a vitória do United Kingdom Independence Party (UKIP) no Reino Unido, que obteve a eleição de 24 deputados, mais 11 do que nas eleições anteriores. Na Itália, salientam-se os lugares alcançados pelos partidos nacionalistas Movimento 5 Stelle (17 lugares), fundado por Beppe Grillo, Forza Itália (13 lugares) e Lega Nord (5 lugares).



Como ficou ilustrado pela apresentação dos resultados das eleições presidenciais da França 2017, eleições presidenciais da Áustria 2016, legislativas da Holanda de 2012 e de 2017 e as europeias da Itália e do Reino Unido de 2014, o nacionalismo está presente na Europa – na UE – no início do século XXI.

6. Conclusões

Está o nacionalismo em ressurgimento na Europa no início do século XXI?

É inquestionável que os últimos séculos foram marcados pela ideia de Nação e Nacionalismo.

O nacionalismo está presente na Europa do início do século XXI, com uma nova configuração. Na Europa Oriental e nos Balcãs, com a decomposição e fim do Império Soviético no final do século XX, vieram os nacionalismos pós-totalitários, saídos da libertação da tutela comunista.

As manifestações de nacionalismo emergem com maior visibilidade e exuberância nos períodos de crise. Como se ilustrou pelos indicadores económicos, sociais e políticos que revisitámos, a Europa está a viver um período de crise, caracterizada por endividamento público muito elevado, notação da dívida pública de alguns Estados-Membros como “lixo”, generalização de taxas de desemprego elevadas, políticas de austeridade, efeito “Brexit”, aumento da popularidade de partidos de extrema-direita, perda de votos e derrotas eleitorais de partidos do centro-esquerda, crise dos refugiados e migrantes.

No Discurso Sobre o Estado da União 2016 de 14 de setembro de 2016, o Presidente da Comissão Europeia observa que “A Europa não está a caminhar para uma nacionalização. A Europa não é, nem nunca deverá ser, um Estado unitário. Surgem demasiadas vezes fissuras e fracturas, o que é meio caminho andado para a fragmentação, quando todos os esforços deveriam estar concentrados na União.(...) O desemprego na Europa ainda é demasiado elevado (...) Não há uma Europa social suficiente. Este é um aspeto que devemos mudar. A dívida pública na União Europeia ainda é demasiado elevada, embora tenhamos conseguido reduzir o défice de uma média de 6,3% em 2009 para 1,9%.(...) Os nossos amigos e parceiros em todo o mundo, lamentando todos eles profundamente o Brexit, interrogam-se com preocupação se a decisão do Reino Unido marcará o início da desagregação da União Europeia. (...) Respeitamos e ao mesmo tempo lamentamos a decisão britânica, mas a existência da União Europeia não está ameaçada.”

A crise na Europa no início do século XXI veio dar expressão e apoio a partidos e a forças de orientação nacionalista.

Como se ilustrou pela apresentação dos resultados das eleições presidenciais na França de 2017, eleições presidenciais da Áustria de 2016, legislativas da Holanda de 2012 e 2017 e europeias na Itália e Reino Unido de 2014, o nacionalismo está presente na Europa – na UE – no início do século XXI.

Ressurgimento dos Nacionalismos na Europa?

O nacionalismo marcou os últimos séculos e continua presente na atualidade na Europa no início do século XXI.



BIBLIOGRAFIA

- Billig, Michael (1995) – *Banal Nationalism*. London: Sage Publications
- Boniface, Pascal (2008) – *Dicionário das Relações Internacionais*. Lisboa: Plátano Editora
- Braga da Cruz, Manuel (1992) – *Europeísmo, nacionalismo, regionalismo*. in *Análise Social*, Vol. XXVII (118-119), pp. 827-853
- Caetano, Marcello (1967) – *Manual de Ciência Política e Direito Constitucional*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada
- Calduch, R. (1991) – *Relaciones Internacionales*. Madrid: Edit. Ediciones Ciencias Sociales
- Eiró, Pedro (1997) – *Noções Elementares de Direito*. Lisboa: Editorial Verbo
- Friedman, George (2015) – *Focos de Tensão – A Crise Emergente na Europa*. Alfragide: Publicações Dom Quixote
- Gellner, Ernest (1983) – *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell
- Gouveia, Jorge Bacelar (2016) – *Manual de Direito Constitucional I- Teoria do Direito Constitucional*. Coimbra: Almedina.
- Graça, Luís Maria P.S. (2003) – *Nótulas de História Geral Contemporânea*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa
- Hobsbawm, Eric J. (1990) – *Nations and Nationalism since 1870: Programme, Myth, Reality*. Cambridge: Cambridge University Press
- Judt, Tony – *Um Tratado Sobre Os Nossos Actuais Descontentamentos*. in Lisboa: Edições 70
- Kaldor, Mary (1990) – *The Imaginary War: Understanding the East-West Conflict*. Oxford: Blackwell
- Kaldor, Mary (1993) – *The new nationalism in Europe*. in *A Journal of Social Justice*, Vol. 5, Issue 2, pp.247-258
- Kaldor, Mary; Anheier, H.; Glasius, M. (eds.) (2003) – *Global Civil Society 2003*. Oxford: Oxford University Press
- Kaldor, Mary (2004) – *Nationalism and Globalization*. in *Nations and Nationalism*, Vol. 10 (1/2), pp. 161-177
- Miranda, Jorge (1998) – *Manual de Direito Constitucional Tomo III – Estrutura Constitucional do Estado*. Coimbra: Coimbra Editora
- Miranda, Jorge (2006) – *Curso de Direito Internacional Público*. S. João do Estoril: Príncipe
- Moreira, Adriano (2008) – *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Almedina
- Pires, Francisco Lucas (1998) – *Introdução à Ciência Política*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa



- Renan, Ernest (1990) [1882] – *What is a nation?* in Homi K. Bhabha (ed.), *Nation and Narration*, Londres e Nova Iorque: Routledge
- Romão, Filipe Vasconcelos (2013) – *Do Estado-nação à autonomia -nação: desafios ao conceito de soberania*. in *Boletim Meridiano* 47, Vol. 14, N.º 136, pp. 3-9
- Romão, Filipe Vasconcelos (2014) – *Nacionalismos Espanhóis, Tensão e Conflitualidade*. Lisboa: Edições 70
- Smith, Anthony D. (1995) – *Nations and Nationalism in a Global Era*. Cambridge: Polity
- Smith, Anthony D. (1998) – *Nationalism and Modernism – A critical survey of recent theories of nations and nationalism*. Londres e Nova Iorque: Routledge
- Smith, Anthony D. (2001) – *Nationalism: Theory, Ideology, History*. Cambridge: Polity
- Sobral, José Manuel; Vala, Jorge (org.) (2010) – *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- Vieira da Silva, Sérgio (2012) – *Introdução às Relações Internacionais*. Lisboa: Escolar Editora